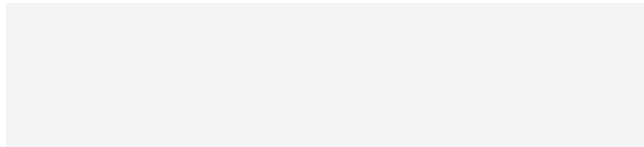




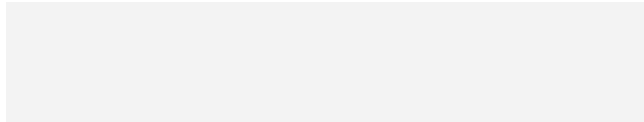
## dispersão dos vestígios:

O interesse arqueológico potencial decorre não da construção novecentista, mas dos próprios cabeços onde se implanta a propriedade, o que justifica o perímetro traçado.

## espólio:



## local de depósito do espólio:



## trabalho realizado:

Visita

## conservação:

Indeterminado

## uso do solo:

Florestal

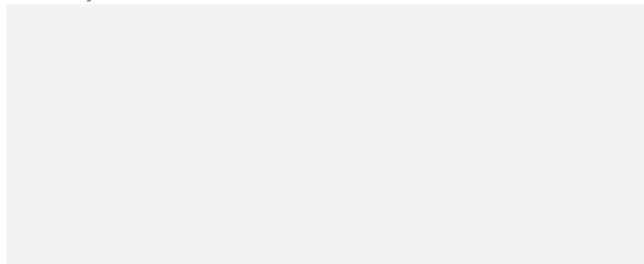
## ameaças:

Construção civil

## fontes:

MOREIRA, s.d.; GOMES 1992b; COELHO 1994; SARAIVA 1995; GUIMARÃES 2000d; SILVA, A. M.; GUIMARÃES; BARBOSA 2005

## observações:



## designação:

Quinta do Montado

## tipologia:

Quinta

## período histórico:

Época Contemporânea

## freguesia:

Canidelo

## lugar:

## coord. geográficas(datum 73):

-43812.0457,163154.5814,0

## altitude (m):

40-64

## carta 1/25 000:

122

## código inventário arquitectura:

CD03

## código nacional de sítio:

## classificação / protecção:

Inventariado

## categoria de protecção proposta:

Zona Arqueológica Potencial

## situação e acessos:

A Quinta do Montado estende-se por uma vasta área, enquadrada pela Rua Manuel Marques Gomes, Rua Lago do Linho e a estrada junto ao Douro.

## breve caracterização:

Independentemente de vestígios anteriores de ocupação humana que possam vir a identificar-se, a história contemporânea destes relevos ganha realce com os sistemas militares aqui instalados no século XIX, no período do cerco do Porto (1833-1834) das guerras liberais. Na verdade, por aqui se situava a "trincheira de D. Rosa", personagem que nos alvares de Oitocentos teria a propriedade de uma "fábrica" que surge cartografada mais próximo do rio. Naturalmente, aquela designação foi buscar à proprietária dos terrenos o determinativo para caracterizar o dispositivo defensivo. De forma mais clara, porém, a cartografia militar do Cerco situa nestes cabeços as Baterias miguelistas chamadas "Alta e Baixa de S. Payo", que constam, por exemplo, da colecção de estampas do Coronel Moreira (MOREIRA, s.d.:Nº 15). Segundo S. Veludo Coelho, "... a bateria alta era um extenso reduto fechado e rodeado com fosso. Ao cimo da elevação estava a bateria propriamente dita com dois parapeitos. O primeiro (...) possuía quatro canhoneiras e o segundo parapeito (...) estava armado com duas canhoneiras e três plataformas de morteiro. Existe também referência a um paiol. (...) No sopé da colina estava então a bateria baixa, aberta e sem fosso, armada com seis canhoneiras e apoiada por dois paióis" (COELHO 1994: Ficha nº 85). Apesar da complexidade das plantas publicadas, não é possível determinar com base nas fontes históricas a natureza das estruturas militares, que podiam ser construções pétreas, simples taludes entre estacaria de madeira ou alinhamentos de sacos de terra. Nos começos do século seguinte, todavia, a Quinta do Montado conheceria novo e mais pacífico destino, eleita por Marques Gomes como local de residência familiar. Manuel Marques Gomes (1867-1932) foi um

canidelense que emigrou para o Brasil em 1885, onde fez fortuna na actividade comercial. Regressado a Portugal em 1899, adquire a Quinta do Montado, na Alumiara, uma vasta propriedade de 260 000 m2, onde em 1905 faz edificar um amplo palacete para sua residência. A casa, em estilo belle-epoque, foi projectada pelo Arqtº António Silva e possui 37 salas distribuídas por três pisos. Os interiores eram sumptuosos, com frescos nas paredes, soalhos de boas madeiras e tectos lavrados em estuque, da mão do artista-estucador José Meira. A Quinta, muito ampla, possui ainda frondosos bosques, com carvalho e sobreiro, percursos bucólicos e diversas construções: estufas, anexos agrícolas e um pombal num dos cabeços sobranceiro ao Douro. A acção benemérita de Marques Gomes concretizou-se em vários melhoramentos na localidade, destacando-se a construção do apeadeiro de Coimbrões, do edifício da escola primária, obras na igreja matriz e alargamento do cemitério, etc. Após a sua morte, o palacete permaneceu na família durante algumas décadas, acabando por ficar desabitado. Após 1974 aí funcionou a Cercigaia e um Centro Popular de Moradores, instituições que abandonariam também aquelas instalações. (GOMES 1992; SARAIVA 1995; GUIMARÃES 2000).